

# **AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL: a comunidade Cruzeiro dos Martírios – município de Catalão (GO)**

Juniele MARTINS SILVA

Graduanda do Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (TNEPSA) - Bolsista PIBIC/CNPq/UFG  
E-mail: junielemartins@yahoo.com.br

Estevane de Paula Pontes MENDES

Professora Doutora do Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Ambientais (NEPSA/CNPq).  
E-mail: iemendes@ibest.com.br

**Resumo:** Este texto busca apresentar as principais discussões sobre a agricultura familiar no Brasil, dando ênfase às características econômicas e socioculturais, bem como as dificuldades enfrentadas pelos produtores da comunidade Cruzeiro dos Martírios no município de Catalão, Estado de Goiás. Para a execução deste trabalho foi realizada uma revisão teórico-conceitual da literatura pertinente à temática e, ainda, levantamento, sistematização, análise de informações de fontes primária e secundária. A pesquisa de campo foi realizada nos anos de 2007 e 2008, sendo aplicados um total de 38 roteiros de entrevista. Acredita-se no importante papel desempenhado por esses produtores tanto para agricultura quanto para sociedade no sentido de amenizar os problemas sociais e econômicos.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar. Características socioeconômicas. Modernização conservadora. Catalão (GO).

## **1 Introdução**

Com a expansão do sistema capitalista na agricultura brasileira a partir, principalmente, de 1960 e, conseqüentemente, com o processo de modernização, a situação dos pequenos produtores se agravou, pois esse processo foi seletivo e excludente. O estado de Goiás também sofreu modificações em seu espaço agrário devido aos vários incentivos, do Estado, na agricultura.

O aumento das discussões acerca da agricultura familiar, no decorrer da década de 1990, é atribuída a uma série de fatores, entre eles destacam-se os problemas relacionados à grande concentração fundiária e à diversidade de situações apresentadas pelas regiões brasileiras, ao modelo de organização sociopolítico e econômico, reforçados por segmentos governamentais comprometidos com os interesses dos grandes proprietários, com os interesses internacionais e com o fortalecimento do movimento dos trabalhadores que lutam pelo direito de reconquistar a terra.

Assim, as discussões sobre a importância social, econômica e cultural da agricultura familiar na sociedade contemporânea ganharam novo fôlego, propiciando um ambiente favorável para o debate da importância dessas unidades produtivas para a agricultura e para a sociedade. Nesse sentido é retomada a necessidade de redistribuição da propriedade fundiária e da renda, promovendo, também, a necessidade de compreender suas estratégias de reprodução, suas resistências e suas potencialidades.

Essas unidades produtivas têm sua origem histórica ligada à grande propriedade rural e desenvolveram-se aliadas a uma estrutura de grande concentração de terras e principalmente de mercados. Diante desse contexto, os pequenos produtores sempre estiveram à margem das políticas agrárias e agrícolas adotadas, contribuindo gradativamente para a sua expulsão do campo e favorecendo à criação de uma estrutura fundiária concentrada e dependente das políticas globais.

Nesse sentido, propõe-se analisar as estratégias de reprodução e potencialidades da agricultura familiar no Brasil, dando ênfase às características econômicas e socioculturais, bem como às dificuldades enfrentadas pelos produtores da comunidade Cruzeiro dos Martírios no município de Catalão (GO), decorrentes do processo de modernização a partir, principalmente, do período de 1980. Assim, o trabalho empírico procurou compreender as condições históricas, socioeconômicas e culturais da agricultura familiar da comunidade Cruzeiro dos Martírios, localizada na parte noroeste do município de Catalão (GO), distando aproximadamente 90km da sede municipal e 20km do Distrito de Santo Antônio do Rio Verde, em que o acesso à área se dá pela BR-050, no sentido Catalão (GO) – Brasília (DF).

A escolha da comunidade rural se deu, principalmente, pelo uso da mão-de-obra predominantemente familiar para trabalhar na unidade produtiva, o tamanho das propriedades, os rendimentos e uma multiplicidade de mecanismos e diversidade de competências, resultando em estratégias de reprodução da comunidade rural.

## **2 Metodologia**

Para a realização da pesquisa foi feita uma revisão da literatura sobre a agricultura familiar nacional, regional e local. Os dados de fontes secundárias foram obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - Posto Catalão), na Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás (SEPLAN), na Secretária Municipal de Saúde e na Agência Rural Goiana (AGR). Num segundo momento, foi realizada a pesquisa empírica na comunidade Cruzeiro dos Martírios, no município de Catalão (GO), no período de 2007 e 2008, que possui 77 sedes/residências. Foram aplicados roteiros de entrevistas: a) um com um dos moradores mais antigos da comunidade (Sebastião Martins Pereira, 83 anos), b) um com a agente de saúde e 37 com os produtores rurais da comunidade, o que representou 48% do total das sedes/residências.

A leitura e interpretação dos textos foram realizadas a partir de uma atitude filosófica perante o que está escrito, sendo radical, crítica e totalizante. Assim as leituras foram feitas mediante uma reflexão “radical (buscar a origem do problema), crítica (colocar o objeto do conhecimento em um ponto de crise), e total (inserir o objeto da nossa reflexão no contexto do qual é conteúdo)” (SPOSITO, 2004).

A partir das orientações para realização de estudos de natureza socioeconômica foram utilizados os seguintes procedimentos (SEABRA, 1997; LUNA, 2004): a) compilação: levantamento de referências (livros, artigos de periódicos, revistas especializadas, documentos, monografias, leis, *sites*). Elaboração de fichamentos para criação de um banco de informações sobre a temática da pesquisa; b) correlativo: refere-se à correlação entre dados de mesma natureza (procedimento técnico-metodológico) que permite conhecer a evolução de um dado conceito, destacando as principais divergências; c) semântico: refere-se ao ato de conhecer. Elaboração do referencial teórico básico da pesquisa que permite a interpretação e a elaboração dos resultados conclusivos. A discussão teórico-metodológica sobre a realidade permite aprender à representar para poder, num segundo momento, analisar: momento de descobrir leis; comprovar ou refutar hipóteses; conhecer os mecanismos de funcionamento de um determinado fenômeno; avaliar o grau de generalidade possível dos resultados obtidos e d) normativo: transformação do produto da pesquisa em modelos representados através de gráficos e tabelas que possam traduzir de forma simples e visual os produtos obtidos com a pesquisa.

## **3 Caracterização e localização do município de Catalão (GO)**

A área escolhida para a realização da pesquisa foi o município de Catalão, Estado de Goiás. A Microrregião de Catalão integra-se à Mesorregião do Sul Goiano (IBGE, 1990). Está compreendido entre os meridianos de 47°17' e 48° 12' Long. W Grt e os paralelos 17°28' e 18° Lat. S, abrangendo uma área de 3.778,6km<sup>2</sup> (IBGE – Censo, 2007), correspondendo a 1,11% do

território goiano. Em seu contexto socioespacial, o município de Catalão possui três povoados: Olhos D'água, Pedra Branca e Cisterna, e dois distritos: Santo Antônio do Rio Verde e Pires Belo. O município conta com um total de 75,623 habitantes, sendo que 70.212 dos habitantes residem na zona urbana, o que corresponde a 92,84% da população total, enquanto apenas 5.411 habitantes residem na zona rural, corresponde a 7,16%.

A sede do município está localizada em um eixo dinâmico, devido à ampla estrutura de transportes, com destaque para a rodovia BR-050 (acesso a Brasília e São Paulo), as rodovias estaduais e a ferrovia Centro-Atlântica (FCA), utilizadas para fazer escoamento de minérios e fertilizantes para a fronteira agrícola (Bahia, Mato Grosso e Goiás).

A sede do município conta com um aeroporto para aviões de pequeno e médio porte. Possui um Distrito Mineiro-Industrial de Catalão (DIMIC), com empresas mineradoras de beneficiamento e processamento de nióbio (Fosfertil e Copebrás S.A) e fosfato (Mineração Catalão - grupo Anglo American). Com duas montadoras, John Deere (Cameco do Brasil), montadora de colheitadeiras de algodão e cana, e a Mitsubishi Motores Corporation, montadora de veículos automotores. Para Venâncio (2008, p. 32), essas empresas contribuíram para a “dinamização das atividades sócio-econômicas e aumento do arrecadamento municipal.”

Além de apresentar duas instituições de ensino superior, o Campus Catalão da Universidade Federal de Goiás, que oferece 15 cursos: Geografia, Letras, Educação Física, História, Química, Física, Matemática, Ciências da computação, Pedagogia, Administração, Psicologia, Ciências Biológicas, Engenharia Civil, Engenharia de Minas e Engenharia de Produção e o Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC), que oferece os cursos de Direito, Administração, Fisioterapia, Pedagogia e Ciências Contábeis. O município conta também com duas escolas profissionalizantes, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

A partir da década de 1980 foram modificadas as formas organizacionais e produtivas na agropecuária catalana, resultantes da expansão da soja nas áreas de chapada (relevo plano) deste município. Essa transformação no espaço agrário de Catalão (GO) foi um dos fatores que contribuiu para a diminuição da população rural do município e, em contrapartida, para a expansão da população urbana. As famílias vêm sendo expulsas gradativamente do meio rural em virtude da baixa remuneração do trabalhador rural. A maioria dos jovens migram para a cidade em busca de trabalho e estudo. A tabela 1 procura mostrar a mobilidade socioespacial nos períodos entre 1970 e 2007, decorrentes desse processo.

**Tabela 1** - Município de Catalão: Evolução da população urbana e rural – 1960, 1970, 1980, 1991, 1996, 2000 e 2007.

Anos	População urbana	Evolução da população urbana, em %		População rural	Evolução da população rural, em %	
		Período	Evolução		Período	Evolução
1960	11.634	-	-	14.464	-	-
1970	13.355	1960 a 1970	14,8	13.983	1960 a 1970	-9,5
1980	30.695	1970 a 1980	129,8	8.473	1970 a 1980	-65,0
1991	47.123	1980 a 1991	53,5	7.363	1980 a 1991	-15,0
1996	51.925	1991 a 1996	10,2	6.582	1991 a 1996	-11,1
2000	57.606	1996 a 2000	10,9	6.741	1996 a 2000	1,0
2007	70.212	2000 a 2007	21,9	5.411	2000 a 2007	-24,6

Fonte: Secretária do Planejamento e Desenvolvimento (SEPLAN-GO) - FIBGE - 1960, 1970, 1980, 1991, 1996, 2000 e 2007. Org. Martins Silva (2008).

Quanto à estrutura fundiária, o município de Catalão (GO) apresentou consideráveis modificações em um curto espaço de tempo. Segundo dados dos Censos Agropecuários (1980, 1990 e 1996), houve uma diminuição do número de pequenas propriedades rurais até 100ha

(21%) e entre 100ha e 1000ha (13%) e um aumento de cerca de 12% no número de estabelecimentos com área superior a 1000ha, que já correspondiam pela maior parte das áreas rurais até o final da década de 1970 (MENDES, 2005).

#### **4 A agricultura familiar e a modernização tecnológica: as transformações no espaço agrário goiano**

A agricultura familiar caracteriza-se pela relação entre terra, trabalho e família, mas apresenta uma série de especificidades e diferenciação regional/local que assegura sua inserção e reprodução na sociedade contemporânea. Entretanto, a partir da década de 1970, com a modernização da agricultura, esse segmento passou a enfrentar problemas econômicos, sociais e territoriais.

Para Wanderley (2001), a agricultura familiar é um conceito genérico que incorpora uma diversidade de situações específicas e particulares. Para a autora, a agricultura familiar que se reproduz nas sociedades modernas deve adaptar-se a um contexto socioeconômico próprio dessas sociedades. Essas adaptações faz com o agricultor passe a ser chamado de “agricultor familiar moderno”, porém não produzem uma ruptura total e definitiva com as formas anteriores, pois é a tradição que ele possui que permite sua adaptação às novas exigências da sociedade.

A produção familiar caracteriza-se pelo controle da família sobre os meios de produção e ao mesmo tempo é a principal responsável pela efetivação do trabalho. Nessas unidades produtivas o trabalho e a propriedade estão ligados à família. A esse respeito Lamarche (1993), descreve que a exploração familiar corresponde

*[...] a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família. A interdependência desses três fatores no funcionamento da exploração engendra necessariamente noções mais abstratas e complexas, tais como a transmissão do patrimônio e a reprodução da exploração. (LAMARCHE, 1993, p. 15, grifos do autor).*

Nesse contexto, a propriedade familiar é considerada como um imóvel rural, que diretamente e pessoalmente é explorado pelo agricultor e sua família, em que absorve toda a sua força de trabalho, garantindo a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região, quando é necessário conta com ajuda de terceiros. Nesse sentido, a agricultura familiar apresenta três características, a gerência da propriedade é feita pela família, o trabalho é realizado em grande parte pela própria família e os fatores de produção pertencem à família (BLUM, 2001).

No entanto, essas unidades produtivas rurais, baseadas no trabalho familiar, enfrentam graves problemas como o fato de estarem subordinadas a uma estrutura concentrada da propriedade da terra e dos mercados no Brasil. Mendes (2005), em seu estudo sobre algumas comunidades rurais do município de Catalão (GO), com o intuito de conhecer as possibilidades de reprodução dos pequenos produtores rurais frente à nova conjuntura imposta pelo sistema econômico capitalista, enfatiza o agravamento das condições de vida das famílias rurais frente às transformações dos processos produtivos, a partir dos anos de 1960, como resultado da expansão do capitalismo no campo.

Com a implantação do sistema econômico capitalista, estabelecem-se novas formas de apropriação dos meios de produção e do trabalho. Assim, a expansão do capitalismo impõe condições de desigualdade, uma vez que a tendência da agricultura capitalista era o estabelecimento de uma aliança entre a ciência e os negócios, em que a agricultura passaria a necessitar constantemente de capital.

Desse modo, a modernização da agricultura brasileira, propiciada pela implantação do sistema econômico capitalista, modificou as relações dos pequenos produtores baseadas essencialmente na família, na terra e no trabalho, agravando suas condições de inserção no mercado, pois com a expansão do setor mercantil de alimentos não seria viável investir em

pequenas propriedades. Assim os incentivos em créditos e pesquisas foram direcionados, em grande parte, para a agricultura empresarial moderna.

Nessa perspectiva, as grandes explorações, capazes de absorver os recursos tecnológicos e demais insumos agrícolas e, fundamentadas no trabalho assalariado, seriam o modelo de propriedade adequada para atender ao crescimento da atividade industrial e da população urbana, conjugando uma oferta regular e em larga escala de matérias-primas e alimentos. (MENDES, 2005, p. 36).

Com isso, a modernização favoreceu às grandes propriedades, que são capazes de produzir matéria-prima e produtos para o mercado interno e externo. Sobre esse assunto, Moreira (1999) afirma que, na agricultura contemporânea, essa modernização parcial, estimula o uso de técnicas mais intensivas em capital nos produtos de exportação e na matéria-prima industrial.

Com a expansão da modernização em todo território nacional, o Cerrado goiano passa a ser alvo de investimentos, a partir da década de 1980, sendo incorporado pelo processo de modernização nacional em curso. As políticas e os programas governamentais de ação direta sobre a região foram os Programas de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e os Programas de Cooperação Nipo-brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER). Nesse sentido, o financiamento rural foi um poderoso instrumento de modernização da agricultura, ao possibilitar a incorporação de maquinaria e insumos ao processo produtivo. Para Estevam (2004):

o crédito rural foi um dos instrumentos básicos da modernização agrícola e fortaleceu, de maneira acelerada, o processo de capitalização no campo. Para concessão de financiamento exigia-se certo padrão tecnológico, elevada densidade de capital, monetarização, além de farta aquisição de fertilizantes e outros insumos. A diversidade de linhas de créditos, bem como as taxas de juros subsidiadas, estimularam grande número de interessados a se instalar nos Cerrados. (ESTEVAM, 2004, p. 738).

Esse sistema de crédito contribuiu para impulsionar a modernização da agricultura e, conseqüentemente, o aumento das desigualdades no campo, dificultando a vida dos pequenos produtores. Esse processo exige aparatos tecnológicos, densidade de capital e aquisição de insumos. Diante dessa realidade os pequenos produtores ficaram impossibilitados de usufruírem de financiamentos que pudessem contribuir para a melhoria de suas condições de sobrevivência e permanência nas áreas rurais. Mendes (2005) diz que se soma a essas questões os aspectos culturais, a formação educacional, as questões climáticas, e manifestações de descontrole biológicos, tais como infestações de pragas e doenças que tornam a agricultura, para os produtores pouco capitalizados, um negócio de alto risco.

Diante desse contexto, os agricultores familiares encontram-se sujeitos à modernização da agricultura, passaram a ter necessidade da garantia de um território familiar. Como afirma Wanderley (2001), a agricultura familiar frente a essas transformações passa a ter necessidade da garantia da construção de um território familiar, em que seja seu lugar de vida e de trabalho, assegurando para as gerações futuras a memória da família.

Fernandes (2006), a partir de suas reflexões sobre os territórios camponeses, afirma que o campo pode ser pensado como um território ou como um setor da economia. Mas para esse autor, o significado territorial é mais amplo que o significado setorial que entende o campo simplesmente como espaço de produção de mercadorias.

[...] Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida, ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana. O conceito de campo como espaço de vida é multidimensional e nos possibilita leituras de políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de produção de mercadorias. A economia não é uma totalidade, ela é uma dimensão do território. (FERNANDES, 2006, p. 28-29).

É nas dimensões territoriais que acontecem todas as relações sociais como educação, cultura, produção, infra-estrutura, organização política, mercado etc., essas relações ocorrem sempre de forma interativa e completa. Neste contexto, o território dos produtores rurais não deve ser percebido apenas como um local onde a sociedade habita, e sim compreendido como território cultural com uma parcela de identidade, fonte de uma relação afetiva com o espaço. Haesbaert (2006), ao trabalhar as concepções de território para compreender o processo de desterritorialização e reterritorialização, ressalta que o território deve ser valorizado em sua dimensão cultural, identitária, vinculado à diferenciação e à diversidade cultural.

Diante do exposto, verifica-se que a agricultura familiar, frente às transformações promovidas no espaço agrário, pela modernização da agricultura, teve suas condições de inserção no mercado e de reprodução agravadas. O modelo de modernização implantado no Brasil foi um modelo conservador e excludente, favorecendo a agricultura empresarial moderna. Nesse contexto, emerge um sentimento de reação para a preservação de um território, em que os agricultores familiares se reproduzam e consigam assegurar e manter sua cultura e seu modo de vida.

## **5 Características socioculturais e socioeconômicas da comunidade Cruzeiro dos Martírios**

A pesquisa empírica procurou conhecer os aspectos econômicos e as concepções socioculturais da comunidade Cruzeiro dos Martírios (Figura 1), dando ênfase à história das famílias da região, às tradições e, principalmente, como são organizadas suas estratégias de reprodução, destacando elementos como tamanho da propriedade e da família, produção, comercialização, força de trabalho, tecnologia, assistência técnica, financiamento e organização dos produtores.

O Sr. S. M. Pereira (informação verbal, Catalão (GO), mar., 2007) não soube dizer com exatidão quando surgiu a comunidade, o que faz acreditar que surgiu antes de 1900, mesmo período em que ocorreu o aparecimento de outras comunidades no município de Catalão (GO), quando as primeiras famílias pioneiras chegaram nas demais comunidades da região no fim do século XIX, migração favorecida pela construção da rede ferroviária.

A origem do nome do lugar, inicialmente Martírios, foi devido ao Ribeirão e o acréscimo de Cruzeiro, deve-se aos Cruzeiros que foram erguidos próximos ao centro comunitário e ao cemitério da comunidade, expressando a fé e devoção das famílias e pelo predomínio da religião católica. Para Andrade (2008, p. 168) “a manifestação desses aspectos cria sentimentos de pertencimento, fundamentados pelos valores morais ligados à religiosidade católica, construídos ao longo do processo de ocupação do espaço.” O autor, em seu estudo sobre as práticas socioculturais e religiosas, na comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia (MG), afirma que os cruzeiros podem ser entendidos como símbolos criados a partir das práticas religiosas.

Naquela época o trabalho na propriedade era dividido da seguinte forma: os pais cuidavam do gado, do plantio e do cultivo, as mães eram responsáveis pelas atividades domésticas e outros serviços, como fabricação da farinha e do polvilho, moagem da cana e manutenção da horta. Os filhos começavam cedo no trabalho, desde os oito anos acompanhavam os pais, já as filhas auxiliavam as mães, ajudando na busca de água nos regos e córregos e de lenha. Sobre o trabalho infantil, Andrade (2008) e Mendes (2008) afirmam que a dedicação das crianças servia como ferramenta na construção de costumes ligados aos significados do trabalho no modo de vida rural, ou seja, como pressuposto da formação cultural de pessoas honestas, dignas e de boa índole.

Havia também os agregados que moravam nas propriedades, trabalhavam por conta própria, cuidavam do gado e cultivavam gêneros alimentícios. A renda da terra era paga com aproximadamente 20% a 30% da produção para o proprietário. Sua jornada de trabalho era elevada, iniciavam as 6h e encerravam as 17h. Os agregados, além das relações que mantinham com os proprietários das terras em que moravam, podiam conseguir rendimentos monetários em

outras propriedades, quando suas cotas de trabalho, instituídas pelos fazendeiros com os quais mantinham vínculos sociais de dependência e subordinação fossem alcançadas (ANDRADE, 2008).

Existia também o costume da realização dos mutirões que eram geralmente aos sábados. Reuniam cerca de 20 a 30 pessoas da região para a realização de alguns serviços, como bater palha, capinar roças e plantios. Havia também o mutirão de mulheres que cuidavam, principalmente, do algodão. Candido (1998, p. 69) afirma que “o mutirão não é propriamente um socorro, um ato de salvação ou um movimento piedoso; é antes um gesto de amizade, um motivo para folgança, uma forma sedutora de cooperação para executar rapidamente um trabalho agrícola.” Candido (1998) realizou um estudo sobre os meios de vida de um agrupamento de caipiras no município de Bofete (SP) entre os anos de 1948 e 1954, procurando compreender os aspectos da cultura, a partir da realidade econômica dessa população.

A traição era outra prática de trabalho solidário muito utilizada na comunidade. Quando percebiam que algum morador precisava de ajuda os parentes, amigos e vizinhos faziam a surpresa do mutirão e no final realizavam a tradicional festa. Para Candido (1998, p. 69) “traição é uma terminologia regional utilizada para significar o caráter de surpresa da demão/mutirão.”

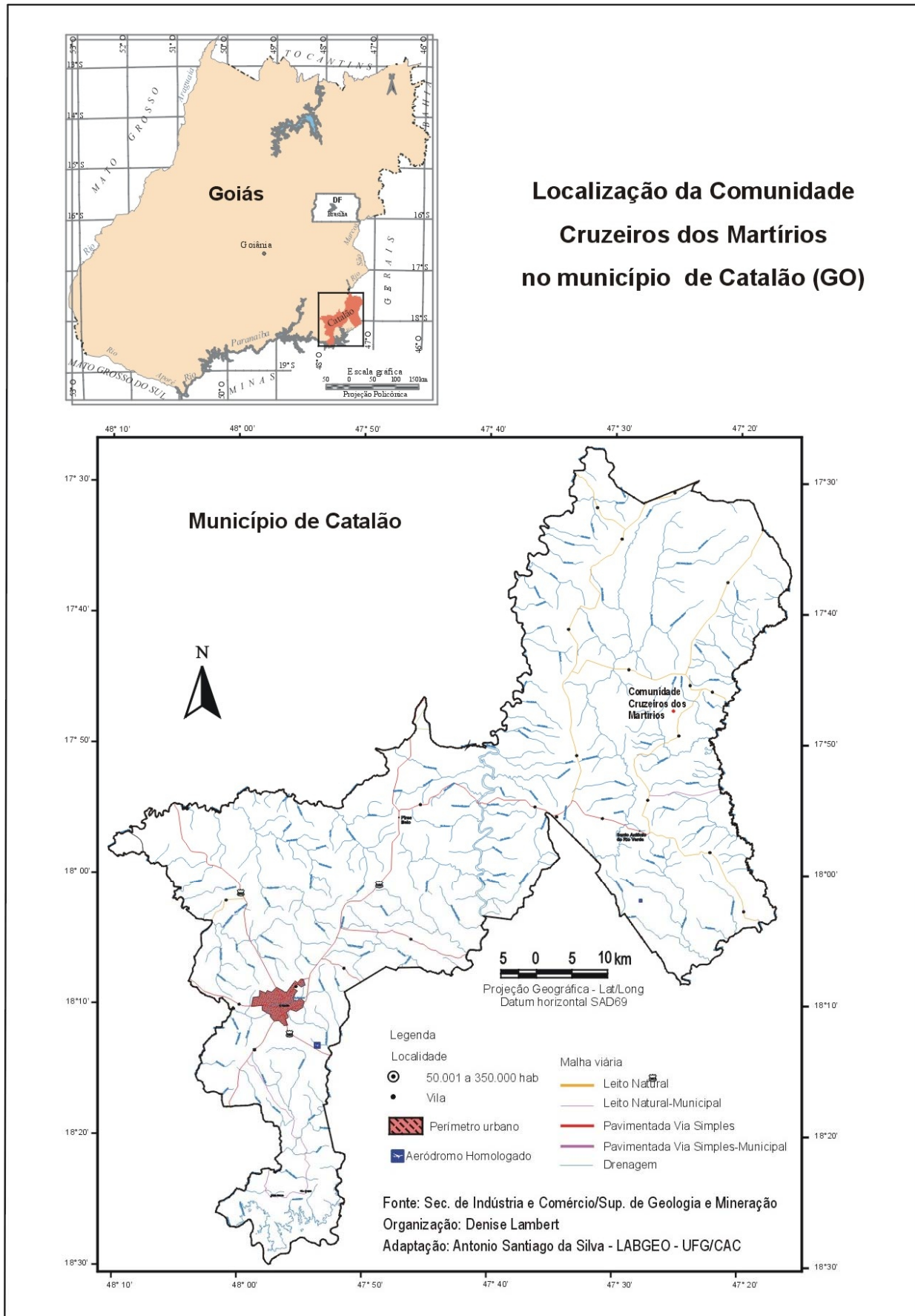


Figura 1 – Localização da comunidade Cruzeiro dos Martírios no município de Catalão (GO) – 2007.



Na comunidade Cruzeiro dos Martírios, dentre os aspectos culturais mais significativo, destaca-se a religiosidade. A maioria dos moradores eram católicos, o que explica a organização das tradicionais festas religiosas no decorrer do ano. As famílias organizavam as festas em homenagem aos Santos Reis, São Sebastião, Santo Antônio, São João e Nossa Senhora da Abadia. Essas festividades permitiam aos moradores a oportunidade de reunir e rezar o terço para os santos e se divertirem juntamente com parentes e amigos da região. As festas ocorriam, geralmente, de janeiro a setembro. Na região, o santo mais festejado era São Sebastião, por ser o santo padroeiro da comunidade.

Nota-se que hoje as festas vêm acontecendo com menos expressão, tendo como um dos fatores responsáveis a expansão de igrejas evangélicas de várias denominações na comunidade. A partir da década de 1990, verifica-se que cerca de 37% dos moradores da região já são evangélicos. Atualmente na comunidade acontece, anualmente, a festa de Santos Reis e, desde 2007, a festa dos produtores rurais. Venâncio (2008) em seu estudo sobre a importância política, econômica e cultural da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos, município de Catalão (GO), a partir da leitura do território, ressalta que apesar das transformações ocorridas nas festas, estas ainda representam um elemento cultural de grande importância nos laços comunitários, pois na sua realização, manifestações, como a religiosidade, o lazer e a união dos moradores são mantidas vivas.

Práticas como o mutirão e a traição já foram extintas da comunidade, o que ocasionou mudanças no modo de vida, na cultura e nas relações de trabalho do lugar. Neste contexto, acredita que uma das causas mais significativas para esse fato tenha sido a expansão da agricultura moderna na região.

Santos (2008, p. 112), em seu estudo sobre a (re) ocupação do Cerrado, em que analisa a migração como responsável pelos desencontros sociais, culturais, étnicos e espaciais, ressalta que “o rompimento com essas práticas decorre da introdução de valores e parâmetros da reprodução dos capitais investidos, geralmente presentes no âmbito das grandes lavouras.” Sobre o assunto, Moreira (1999, p. 192) em sua análise sobre os determinantes da acumulação do capital industrial sobre a agricultura brasileira, dando ênfase às transformações a partir dos anos 1950, corrobora com Santos (2008) quando afirma que “a subordinação cultural é também difusa e mutante, como o é todo o campo das significações sociais.” Nesse sentido, o espaço social da pequena produção de valores mostra-se como um espaço social flexível e mutável, viabilizando formas de integração diferenciadas no contexto da dinâmica do capital.

Uma das mudanças mais significativas na comunidade Cruzeiro dos Martírios deu-se sobre a renda da terra através da expressiva prática do arrendamento. Aproximadamente 29,7% dos produtores arrendam parte de suas terras para os produtores que vieram, principalmente, do Sudeste (São Paulo), no período de 1980. Os produtos mais cultivados por esses produtores são a soja (cerca de 81,8%), o milho e o arroz.

Nas comunidades rurais do município de Catalão (GO) a faixa etária dos chefes de família é elevada, chegando a 50 anos para os chefes das famílias (homens) e 48 anos para as mulheres. Verifica-se um grande número de filhos maiores de 12 anos, o que reflete no percentual de filhos que migraram, que é de 20% na comunidade Custódia, 28% na Morro Agudo/Cisterna, 24% na Ribeirão e 39% na Mata Preta e 18% no Cruzeiro dos Martírios, na busca de continuar seus estudos ou de uma melhor remuneração do trabalho (Tabela 2). Observa-se assim que a composição média das famílias das comunidades no município de Catalão (GO), é de 3,3 pessoas por propriedade, o que demonstra um fator limitante no que diz respeito à disponibilidade de mão-de-obra nas unidades produtivas (LAMBERT; MENDES, 2007).

**Tabela 2** - Comunidades rurais Morro Agudo/Cisterna, Custódia, Ribeirão, Mata Preta e Cruzeiro dos Martírios em Catalão (GO): idade dos produtores rurais e composição média das famílias na comunidade pesquisadas – 2007.

Comunidades	Idade pai	Idade mãe	N.filhos	Filhos < 12 anos	Filhos ≥ anos
M. A./Cisterna	51	49	1,4	0,5	0,9
Custódia	51	49	1,6	0,4	1,2
Ribeirão	46	43	1,4	0,4	0,8
Mata Preta	56	53	1,1	0,2	0,9
Cruzeiro dos Martírios	46	45	1,8	0,6	1,2
<b>Média</b>	<b>50</b>	<b>48</b>	<b>1,5</b>	<b>0,5</b>	<b>1,0</b>

Fonte: Secretaria Municipal de Saúde de Catalão. Org. Lambert (2007).

Quanto às condições de moradia e saneamento da comunidade, 94% das propriedades já possuem energia elétrica, 91% têm água encanada e os banheiros nas residências representam 89%. Entre os eletrodomésticos com maior destaque aparecem a geladeira com 94%, a televisão com um percentual de 89%, em seguida está a máquina de lavar com 45%, o forno elétrico 35%, a batedeira e o refrigerador com 27%. O telefone é outro fator importante para as pessoas, tendo grande contribuição na comunicação com outras localidades. Atualmente há um telefone público na comunidade, e cerca de 13% dos moradores já possuem esse serviço em suas residências.

O trabalho predominante nas propriedades da comunidade Cruzeiro dos Martírios é o trabalho familiar, no qual cada membro da família cumpre com seus deveres. Blum (2001), em seu estudo sobre as diferentes classificações de propriedade rural, enfatiza os principais problemas enfrentados por essa agricultura. Para esse autor, o agricultor familiar

[...] é aquele que tem na agricultura sua principal fonte de renda (+80%) e cuja força de trabalho utilizada no estabelecimento venha fundamentalmente de membros da família. É permitido o emprego de terceiros temporariamente, quando a atividade agrícola assim necessitar. Em caso de contratação de força de trabalho permanente externo a família, a mão-de-obra familiar deve ser igual ou superior a 75% do total utilizado no estabelecimento. (BLUM, 2001, p. 62).

A diversidade da produção de gêneros alimentícios é outra característica marcante na comunidade Cruzeiro dos Martírios, para Mendes (2005) essa prática é uma forma de assegurar a reprodução familiar. Os produtos mais comuns para a comercialização são o leite e o queijo.

Dentre os produtores pesquisados na comunidade Cruzeiro dos Martírios, 75,6% dedicam-se com a pecuária extensiva, e o leite é ordenhado manualmente, apenas um dos produtores possui ordenha mecânica. Para Caume (1997), a predominância da produção leiteira entre os produtores familiares é uma estratégia produtiva, devido a um conjunto de fatores tanto estruturais quanto conjunturais, como dificuldade de ingresso competitivo no mercado de lavoura tecnificada de milho e soja; disponibilidade de terras de má qualidade e expansão de agroindústrias processadoras de leite na região.

A pesquisa empírica considerou que 78% dos produtores são proprietários das terras em que produzem, o acesso à propriedade da-se por meio de herança conciliada com a compra de outra parcela (31%), um percentual maior, de 38%, possui propriedade adquirida por compra, já as propriedades adquiridas por concessão de uso verbal dos pais representam 31%.

Dos produtores pesquisados, 78% afirmaram que sobrevivem exclusivamente dos rendimentos gerados na propriedade, e 22% contam com outro tipo de rendimento, destacando a aposentadoria e serviços temporários remunerados. O tamanho médio das propriedades da comunidade é de 41,6ha.

A maioria desses produtores (cerca de 89%) não conta com uma assistência técnica adequada e 81% dos produtores afirmaram não recorrer a nenhum financiamento e nem crédito rural, cuidam de suas terras com as potencialidades e instrumentos dentro de suas condições econômicas e técnicas. Geralmente, as orientações restringem-se aos profissionais das casas agropecuárias onde adquirem os produtos necessários às suas atividades, apenas uma minoria

dos produtores (10%), com uma maior extensão de terras, que produzem soja ou que produzem mais gado, possuem financiamentos.

Tedesco (2001), em sua análise da Encosta Superior do Rio Grande do Sul, que é caracterizada pela presença de agroindústrias, afirma que o agricultor familiar frente aos impactos das transformações globalizantes do mercado, adota estratégias e aciona formas de racionalidades possíveis e, assim, enfrenta os desafios com as condições objetivas e os instrumentos que lhe são acessíveis. Wanderley (2001, p. 35, grifos da autora) respalda os argumentos desse autor ao afirmar que “[...] os agricultores familiares modernos *enfrentam* os novos desafios com as *armas* que possuem e que aprenderam a usar a partir de sua experiência.”

A luta desses produtores não assenta apenas na busca de melhores rendimentos, mas na reprodução do patrimônio sociocultural em seu território. Nota-se que, com a implantação do processo de modernização da agricultura na comunidade, a partir de 1980, houve transformações na organização social, econômica e cultural da comunidade. Práticas como o mutirão, traição já foram extintas, em contrapartida houve um expressivo aumento da prática do arrendamento. Outro fato a ser considerado é a imposição de novos valores e costumes como é o exemplo da festa dos produtores rurais.

## 6 Considerações finais

A agricultura familiar no Brasil apresenta diversidades e diferenciações regionais, o que tornam importantes estudos e análises de áreas específicas, para a compreensão da organização e reprodução desse segmento. A modernização da agricultura brasileira deu-se de forma conservadora e excludente, uma vez que legitimou a agricultura empresarial moderna, favorecendo o aumento dos problemas sociais, econômicos e territoriais dos agricultores familiares.

Na comunidade Cruzeiro dos Martírios no município de Catalão, Estado de Goiás, percebe-se que os agricultores que permaneceram na comunidade, em maior ou menor grau, estão assentados sob técnicas tradicionais de produção, principalmente da pecuária leiteira. Sua integração cada vez mais intensa ao mercado promove alterações em seu modo de vida e inserção de novas relações de trabalho, como o arrendamento de parte de sua propriedade para os produtores de soja que vieram do Sul e do Sudeste. Essa prática tem sido utilizada como meio de complementar os rendimentos do produtor rural na região. Em contrapartida, práticas tradicionais como o mutirão e traição foram sendo gradativamente extintas da comunidade.

Nesse contexto, percebe-se que a mudança tecnológica ocorrida na comunidade Cruzeiro dos Martírios assumiu tanto uma faceta econômica quanto uma faceta cultural. Essa dinâmica favoreceu a valorização de novas técnicas e de determinados conhecimentos e ao mesmo tempo contribuiu para a desvalorização de outras técnicas e tradições e dos saberes a elas associadas.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. B. de. Práticas sócio-culturais e religiosas: elementos constituintes do lugar. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 166-203.

BLUM, R. Agricultura familiar: um estudo preliminar da definição, classificação e problemática. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 57-104.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 8. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998. 284 p.

CAUME, D. J. **A agricultura familiar no estado de Goiás**. Goiânia: UFG, 1997. 71 p. (Quiron).

- ESTEVAM, L. A. A Agricultura tradicional em Goiás. In: PEREIRA, A. A. (Org.). **Agricultura de Goiás: análise e dinâmica**. Goiânia: UCG, 2004. p. 737-746.
- FERNANDES, B. M. Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. p. 27-39.
- HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 43-70.
- LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2005. 108 p. (Série Trilhas).
- LAMARCHE, H. (Coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução de Ângela M. N. Tijiwa. Campinas: Unicamp, 1993. v. 1. (Coleção Repertórios).
- LAMBERT, D.; MENDES, E. de P. P. **Aspectos socioeconômicos e socioculturais dos pequenos produtores rurais do município de Catalão (GO)**. 2007. 26 f. Trabalho de Conclusão do PIBIC (Graduação em Geografia) – Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2007.
- MENDES, E. de P. P. **A produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão**. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia – Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.
- MENDES, E. de P. P. Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no Município de Catalão (GO). In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 137-165.
- MOREIRA, R. J. **Agricultura familiar: processos sociais e competitividade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 204 p.
- SANTOS, R. J. (Re) Ocupação do Cerrado: novas gentes, outras identidades. In: ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Org.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008. p. 98-136.
- SEABRA, G. F. **Fundamentos e perspectivas da geografia**. João Pessoa: UFPB, 1997. 106 p.
- SPOSITO, E. S. A questão do método e a crítica do conhecimento. In: \_\_\_\_\_. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004. p. 23-72.
- TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. 405 p.
- VENÂNCIO, M. **Território de esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos em Catalão (GO)**. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campensinato brasileiro. In; TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. p. 21-55.